



Tela sem título realizada em 1980 por Tomie Ohtake



Uma pintura cega, de 1960



Tela da artista criada em 1984

Fotos: Divulgação

Mostra em Nova York celebra Tomie Ohtake

Exposição numa galeria do Chelsea é primeiro passo de herdeiros para emplacar sua obra em museus internacionais

Artista nipo-brasileira morta há 1 ano entrou para acervo da Tate Modern e será exposta em Milão e Tóquio

SILAS MARTÍ
EM NOVA YORK

Numa galeria do Chelsea, o epicentro do mercado da arte em Nova York, Tomie Ohtake tem agora uma grande retrospectiva de sua obra, com trabalhos que vão desde uma de suas famosas pinturas cegas, que fez com uma venda nos olhos em 1960, às telas que realizou nos últimos anos.

Esse é um retorno póstumo da artista à arena internacio-

nal. Tomie, morta aos 101, no ano passado, chegou a fazer exposições em Washington, Nova York e Miami nas décadas de 1960 e 1970, mas nunca teve grande visibilidade fora do Brasil, uma ausência que a família da artista agora se esforça para combater.

Ricardo Ohtake, filho de Tomie, conta que obras da mãe vêm sendo requisitadas para mostras no mundo todo. Desde que ela teve uma sala dedicada a ela no ano passado na feira Frieze Masters, em Londres, e alguns de seus quadros numa mostra no centro cultural Parasite, em Hong Kong, o mundo parece querer saber quem foi essa japonesa que passou a vida no Brasil.

Esse lugar intermediário

ocupado pela artista, entre o expressionismo abstrato de pintores orientais e o concretismo em voga em São Paulo, é talvez o dado mais magnético de sua biografia, que agora intriga a crítica e agentes do mercado internacional.

“Quando vi o trabalho dela pela primeira vez, aquilo fisgou meu olho”, diz Tina Kim, galerista que agora mostra obras de Tomie em seu espaço no Chelsea. “Ela foi diferente porque não estava só pintando com os artistas japoneses. Ela tinha um estilo oriental, mas sempre esteve interessada em cores sofisticadas e na natureza das curvas.”

Essa leitura de Kim, aliás, passa por um filtro coreano. Filha de Lee Hyun-sook, fun-

dadora da Kukje, uma das galerias mais influentes de Seul, a marchande de Nova York viu no trabalho de Tomie semelhanças com o estilo dan-saekhwa, uma espécie de minimalismo coreano, marcado por telas monocromáticas.

Kim, que acaba de vender uma obra dessa escola para o MoMA, em Nova York, lembra que artistas da vanguarda chegaram a participar da Bienal de São Paulo, onde podem ter sido vistos por Tomie. A curiosidade da crítica mundial por esse movimento, na opinião da galerista, também parece turbinar o interesse em torno de Tomie.

“Esses artistas hoje estão sendo reinventados à luz do minimalismo e do expressio-

nismo abstrato”, observa Kim. “Estão sendo redescobertos.”

Na abertura da mostra na galeria Tina Kim, aliás, estavam diretores do MoMA, da Americas Society e do Museu do Brooklyn. Retrospectivas da artista também estão sendo planejadas agora pela Triennale, em Milão, e pelo Museu de Arte Contemporânea de Tóquio. Enquanto isso, uma de suas telas acaba de entrar para o acervo da Tate Modern, em Londres.

Nara Roesler, brasileira que abriu neste mês uma filial de sua galeria em Nova York, também levou obras de Tomie para seu espaço a poucas quadras do Chelsea, num esforço concentrado para emplacar mais trabalhos da ar-

tista em coleções americanas.

“Esses quadros aqui a gente só viu no escurinho do cinema, ainda no ateliê da Tomie”, dizia Nara, no vernissage da mostra na Tina Kim, na semana passada. “Nessa luz, eles ficam espetaculares.”

Espectaculares ou não, poucas obras da artista continuam nas mãos dos herdeiros. Mesmo vendidas por até R\$ 1 milhão, telas de Tomie, cada vez mais cobiçadas, só deverão ser ofertadas a museus ou “coleccionadores muito importantes”, nas palavras de seu filho.

Interessados não faltam. A julgar pela lista de convidados de um disputado jantar organizado por Tina Kim em homenagem a Tomie, suas obras deverão estar em boas mãos.



Cenas de vídeos de Harun Farocki



Harun Farocki revela a política por trás dos videogames

Em mostra no Paço das Artes, alemão analisa jogos para refletir sobre a construção das imagens do século 21

DE SÃO PAULO

Quando começou a fazer seus mais de cem filmes, o artista alemão Harun Farocki lutava contra uma sensação de inutilidade. Ele dizia que todas as imagens do mundo já haviam sido filmadas. Não cabia registrar mais nada, e por isso suas obras seriam compilações de tudo o que existe.

Farocki, morto aos 70, há dois anos, e agora alvo de uma retrospectiva no Paço das Artes, usou como base de seus primeiros trabalhos imagens do noticiário de televisão, em especial conflitos e revoluções, da queda da ditadura na Romênia à Guerra do Golfo.

Mais tarde, o artista que se tornou um dos pilares da videoarte no cenário mundial desviou o foco de seu trabalho para o que entendeu como nova forma de construção da realidade —os videogames.

Na mostra do Paço, estão suas investigações minuciosas das estratégias por trás da construção dos mundos paralelos dos jogos para crianças até as narrativas mais sangrentas de ação. São trabalhos marcados pela reflexão sobre como algoritmos e códigos a princípio inocentes conseguem arquitetar tramas de violência brutal.

“Ele vai focando nos games para resgatar a história da ar-

te”, diz Jane de Almeida, que organiza a mostra. “A pergunta que ele faz é: se a imagem do computador chega tão perto da realidade, ela não acabaria libertando o cinema para outras funções, da mesma forma que a fotografia libertou a pintura de seu realismo?”

De fato, Farocki, descrito como um artesão da imagem, reconhece que a animação se tornou mais poderosa do que a reprodução fotográfica. Nessas obras, aliás, ele está mesmo preocupado com cada pixel na tela, truques de luz e sombra e como os movimentos dos games se tornaram coreografias hiper-realistas controladas pelo joga-

dor em tempo real, quase extensões do corpo de verdade.

Mas sua análise de paletas de cor, efeitos luminosos e afins às vezes resvala para um segundo plano diante de imagens de cabeças explodindo e sangue virtual tingindo casas e ruas de vermelho vivo.

Nesse sentido, sua obra assume uma dimensão política à flor da pele, em sintonia com a obra de cineastas como Jean-Luc Godard, um mestre em criar planos de beleza avassaladora mesmo que calcados no mal-estar da vida burguesa e sua violência intrínseca.

Em Farocki, a política parece estar na forma como ele joga luz sobre todas as possíveis

rotas de perversão ao longo da construção de uma imagem.

Num de seus trabalhos mais célebres, também no Paço, o artista aparece diante de uma ilha de edição enquanto comenta seu próprio trabalho. “Ele vai mostrando como se faz uma ficção, o que é uma metáfora”, diz Almeida. “Tem a ver com a fragilidade da tecnologia e com como a imagem se relaciona com sua decodificação.” (SM)

HARUN FAROCKI

QUANDO de qua. a sex., 10h às 19h; sáb. e dom., 11h às 18h; até 27/3
ONDE Paço das Artes, av. da Universidade, 1, tel. (11) 3814-3842
QUANTO grátis

ARTES CÊNICAS

Folha promove leitura dramática da peça ‘Cuidado, Piso Molhado’

DE SÃO PAULO - A Folha promove na próxima quarta (16), às 19h, leitura dramática da peça “Cuidado, Piso Molhado”, do dramaturgo Ed Anderson.

A trama retrata as inquietações de três personagens que tentam conviver com seus desejos e frustrações diárias em uma metrópole: Selma, uma cantora temperamental, Tony,

um pianista, e Osvaldo, um folgado encanador.

Ester Laccava, Hélio Cicero, Claudio Curi e Michelle Boesche integram o elenco.

A leitura será realizada no auditório da Folha (al. Barão de Limeira, 425, 9º andar).

A inscrição, gratuita, pode ser feita pelo site Folha Eventos (eventos.folha.uol.com.br).

É HOJE!

MÚSICA
PALAVRA DE MULHER

HORÁRIO 21h

ONDE Teatro Porto Seguro, al. Barão de Piracicaba, 740, Campos Eliseos, tel. (11) 3226-7300

QUANTO de R\$ 25 a R\$ 60

CLASSIFICAÇÃO 12 anos

O espetáculo traz Virgínia Rosa, Tania Alves e Lucinha Lins dando vida a célebres personagens femininas de Chico Buarque



TELEVISÃO

Refilmagem de ‘Xena’ vai abordar homossexualidade de protagonistas

DE SÃO PAULO - O roteirista da refilmagem de “Xena: A Princesa Guerreira” (1995-2001), Javier Grillo-Marxuach, disse que percebe uma tensão homossexual entre Lucy Lawless e sua companheira de batalha, Gabrielle.

A teoria é aventada há tempos pelos fãs da série. Grillo-Marxuach anunciou no domingo (10) que o tema será aborda-

do abertamente na nova encarnação da série.

“Não há motivo para trazer ‘Xena’ de volta sem explorar por completo um relacionamento que só pôde ser mostrado em subtexto na década de 90”, argumentou. A refilmagem foi anunciada pela NBC em agosto de 2015 e ainda não tem data para estrear.